



Discurso

Plano e Orçamento Anual da Região Autónoma dos Açores para 2019 – intervenção final

Senhora Presidente

Srs. Deputados

Srs. Presidente e Membros do Governo

A democracia constitui a máxima realização civilizacional do homem. Liberta-o da imposição das ideias e das vontades alheias. Liberta-o da milenar lei do mais forte e do tribalismo das emoções e das solidariedades precognitivas.

Só existe democracia nas terras onde todos os homens são livres. Livres de pensar pela sua própria cabeça e de dizerem livremente o que pensam.

A democracia implica alternância no governo. Implica que não governem sempre os mesmos. Implica que as pessoas possam escolher livremente os seus governantes. Implica retirar aos governos todos os meios que permitam a monopolização do poder.

Nos Açores há muito que não se vive uma democracia plena. Nem todos são livres de dizerem o que pensam. Muitos não pensam o que se sentem obrigados a dizer. O “governo do povo, pelo povo e para o povo” foi, nos Açores, raptado pela formidável rede de interesses que gravita em torno do Partido Socialista.

A esperança de vida profissional é muito curta para todos os que se atrevem a discordar. Mais tarde ou mais cedo, a sombra negra do longo braço do poder regional chegará, de uma forma ou de outra, às vidas dos que se atreveram a pensar e a agir como homens e mulheres livres.

Meus senhores!

Um poder assim não merece ser levado a sério. O ridículo é, há muito, a tumba imemorial dos ditadores e dos seus aprendizes. O humor e o riso são a arma barata dos humildes contra os poderosos. O riso



Representação Parlamentar do
Partido Popular Monárquico
Açores

sobreviveu ao Dilúvio, à Inquisição e ao Holocausto. Também escapará às terríveis circunstâncias que o regime socialista açoriano impõe ao Povo do Açores.

O Plano e Orçamento para 2019 foi apresentado ao longo destes dias, em forma de monólogo, pelo Governo Socialista. Quase não foi possível fazer perguntas. Quase não foi possível discordar.

A razão é simples. Os documentos orçamentais socialistas não são deste mundo. São uma fantasia. Um conto para crianças. Olhei para eles e lembrei-me do clássico imortal da literatura infantil de L. Frank Baum: "O Feiticeiro de Oz". É a história da menina que um ciclone transportou para um mundo encantado: a Terra de Oz.

Dorothy, assim se chama a menina, tem como objetivo - que persegue ao longo de toda a história - regressar à sua terra natal, o Kansas. Para alcançar esse desiderato é obrigada a deambular, seguindo a estrada dos ladrilhos amarelos, pelos quatro cantos da terra mágica em que se encontrava. Pelo caminho conhece o Espantalho, o Lenhador de Lata e o Leão Cobarde. Estas três últimas personagens decidem acompanhá-la à Cidade das Esmeraldas, a terra governada pelo poderoso Feiticeiro de Oz.

Os quatro acreditavam que o poderoso Feiticeiro de Oz tinha o poder necessário para concretizar os seus desejos. Um cérebro para o Espantalho, um coração para o Lenhador de Lata, coragem para o Leão Cobarde e o regresso a casa para a Dorothy.

Resumindo muito, descobre-se que o poderoso Feiticeiro de Oz, o governante da Cidade das Esmeraldas, é um embusteiro. Prometeu realizar todos os desejos dos quatro amigos, mas nunca teve intenção de cumprir o prometido. Não tinha poderes para isso.

Apesar de tudo, depois de muitas aventuras com bruxas boas e más, macacos alados e aranhas gigantes, a menina, o Espantalho, o Lenhador de Lata e o Leão Cobarde alcança os seus respetivos objetivos. O Feiticeiro de Oz desaparece da história levado, "para o infinito e mais além", por um desgovernado balão de ar chamado SATA.



Representação Parlamentar do
Partido Popular Monárquico
Açores

Tal como na história original, o nosso Feiticeiro de Oz vive isolado nas entranhas do Palácio, longe do povo. Não tem o poder que o povo julga que ele tem. A sua “Cidade das Esmeraldas”, tal como a do conto, não é real.

Todos têm, para alterar a realidade, de usar óculos verdes na Cidade das Esmeraldas original. Através dos óculos julgam observar uma cidade deslumbrante, feita de casas de mármore verde e de esmeraldas cintilantes.

Mas, na verdade, tudo era falso. Eram os óculos que alteravam a perceção da realidade. O nosso Feiticeiro de Oz também tem os seus truques mágicos para alterar a realidade. O Gabinete de Apoio à Comunicação Social, em grande parte recrutado na Lusa, funciona como uma gigantesca lente de propaganda que confunde os menos atentos. É caro, custa meio milhão de euros, mas permite a entrada direta no resplandecente mundo das notícias falsas e da fantasia.

Para os mais céticos está reservada uma segunda lente de deformação da realidade: o Plano e o Orçamento. Juntos, assemelham-se a uma gigantesca roldana de propaganda governamental, em que nada parece o que é.

E as bruxas más do leste e do oeste? Eu sou, assumo numa visão condescendente, uma espécie de Bruxa Boa do Norte. O conto do “Feiticeiro de Oz” tem bruxas boas, uma ideia inovadora que contraria uma secular ideia feita.

Bem... quanto às bruxas más é preciso ter em conta que elas é que eram poderosas. O Feiticeiro de Oz não tinha qualquer poder. Só aparentava ter. É preciso ver que a história foi escrita em 1900, muito antes de surgir a Marvel e a sua legião de seres dotados de superpoderes.

Pensei muito a respeito da identidade das Bruxas Más do Leste e do Oeste. Decidi fundir todo o poder maléfico numa só identidade superpoderosa. Na verdade, não fui eu que decidi. Foi o Professor Doutor Eduardo Paz Ferreira. Peçam-lhe responsabilidades, uma vez que também lhe pedem Pareceres Jurídicos. Não sou eu que vou chamar bruxa má a ninguém.



Representação Parlamentar do
Partido Popular Monárquico
Açores

Vejo agora que talvez não tenha sido uma ideia muito feliz escrever esta adaptação do "Feiticeiro de Oz". Tenho de escolher um Espantalho, um Leão Cobarde, um Lenhador de Lata, um Macaco Voador e uma Aranha Gigante. Não é a mesma coisa que entregar uma insígnia autonómica. Presumo que não despertará tanto entusiasmo aos felizes contemplados.

No caso do Lenhador de Lata é fácil. O Secretário da Saúde já teve um sem número de pequenos e grandes acidentes com o seu machado governativo. O latoeiro já teve de remendar e substituir muita coisa. O que interessa é que ainda está vivo. Falta-lhe um coração, mas a verdade é que tem acesso fácil à tecnologia de reanimação.

O homem do Rock Progressivo, no debate parlamentar que agora termina, é a Aranha Gigante dos nossos dias. A Aranha Gigante foi morta pelo Leão Cobarde porque estava a dormir. É para o deputado aprender a não se deixar embalar com uma música tão melancólica.

Deixem-me dizer, antes de mais nada, que a História provou que o Espantalho era, afinal, muito inteligente. Mas aqui a minha escolha é o outro deputado do meu círculo eleitoral. Afugenta os corvos, os investimentos e todas as medidas de progresso para a nossa terra.

O Leão Cobarde também é uma escolha fácil. Lembrem-se que afinal o Leão Cobarde era corajoso. Escolho o Secretário da Agricultura. É preciso muita coragem para aceitar gerir uma pasta a respeito da qual não percebe coisa alguma. O outro candidato óbvio era o atual Presidente da Sata, outro corajoso.

O Macaco Voador é um velho amigo. Está obrigado a cumprir os desejos do portador do "Gorro Dourado". Antes foi Carlos César e agora é Vasco Cordeiro. Movimenta-se com rapidez na Terra de Oz de leste a oeste e da extrema-direita para a esquerda governamental. Lembrem-se que é um macaco alado. É sempre sobranceiro em relação aos mais pequenos e humildes. É o líder parlamentar da maioria governamental.

Finalmente, Dorothy representa o bom povo açoriano. Um povo persistente e bondoso. Com uma paciência que dura décadas. No fim mata as bruxas - uma delas com água, apenas porque ela não teve voos disponíveis para se refugiar na ilha do Corvo - e percebe que o Feiticeiro



Representação Parlamentar do
Partido Popular Monárquico
Açores

de Oz não é quem aparenta ser. Não tem poder algum ou mesmo vontade e intenção de melhorar as suas vidas. Tudo não passa de um logro.

Dorothy acaba, finalmente, por conseguir sair da terra dos enganos e ultrapassar todas as dificuldades. Inicia um novo ciclo, de regresso ao mundo da realidade. Aprendeu muito na Terra de Oz e perdeu os sapatos cor de prata. Nada a fará regressar à terra dos truques e da falsa magia dos seus governantes.

Senhora Presidente

Srs. Deputados

Srs. Presidente e Membros do Governo

Já descrevi, através da alegoria do “Feiticeiro de Oz”, o que penso do Plano e do Orçamento para 2019. Não é credível. É uma espécie de fábula de encantar. As sucessivas execuções, de apenas 70% – quando no tempo de Carlos César atingiam os 95% - mataram a credibilidade da execução orçamental dos governos liderados por Vasco Cordeiro. É um orçamento de propaganda, que não resolverá nenhum problema da sociedade açoriana.

Termino com duas referências finais. A Representação Parlamentar do PPM apresenta 28 propostas de alteração ao Plano e ao Orçamento. Destaco duas. A que prevê a recuperação integral do tempo de serviço prestado pelos docentes e a que prevê a integração no quadro da administração regional das pessoas que desempenham trabalho escravo e precário nos programas ocupacionais.

No que diz respeito ao Corvo anuncio que, a partir de janeiro de 2019, as crianças e jovens da ilha passarão, finalmente, a ter acesso a refeições escolares. A situação ainda não é a ideal, mas a partir de 2020, depois da queda do Governo socialista, as condições passarão a ser ótimas.

Estou empenhado numa nova batalha. O Corvo é a única ilha dos Açores que não tem ligações aéreas diárias – só tem três ligações por semana –, isto apesar de ser a ilha que mais cresce em número de



passageiros transportados. Mais até, em termos absolutos, que a Graciosa. Quero, e vou, acabar com mais esta discriminação sem sentido. Açorianos somos todos.

Disse!

Horta, Sala das Sessões, 29 de novembro de 2018

O Deputado do PPM,

Paulo Estêvão